

Homenagem à professora Josette Lydie Madeleine Lenz Cesar

MARIA CÉLIA NUNES COELHO¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil



Josette Lydie Madeleine Lenz Cesar (1926 – 2024), professora aposentada de cartografia da UFRJ, leitora voraz sobre economia; história geral e do Brasil; geografia do Brasil, da França e do mundo. Foi em tudo enérgica, coerente e profissional. Por opção, nunca perdeu seu sotaque francês. Criticava o Brasil, mas queria aqui viver. Adorava as charges de Jean-Baptiste Debret (no século XIX), por meio das quais o autor retratava as situações que caracterizavam a escravidão e o racismo no Brasil. Josette era considerada uma amiga franca e crítica para muitos colegas; para outros era uma profissional de valores muito rígidos.

Morou inicialmente em São Gonçalo, de onde se mudou para Ipanema nos anos 1950 e, posteriormente, para o Leblon, onde praticava suas andanças e observações. Interessava-se em identificar e interpretar as transformações espaciais nos bairros da cidade por ela habitados. Participou de inúmeros trabalhos de campo em várias partes do Brasil.

Manteve-se lúcida até falecer, no Rio de Janeiro, no dia 6 de novembro de 2024, com 98 anos completos.

MAS QUEM ERA ELA?

Josette, professora de cartografia no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 1991, é parte da história desse setor universitário e da formação de muitos ex-alunos e ex-alunas dessa instituição. No entanto, descrever Josette ou compreendê-la não são tarefas fáceis. Para co-

¹ - Professora aposentada do Departamento de Geografia da UFRJ. E-mail: mcncoelho@gmail.com

meçar, falaremos de alguém com uma cultura diversa da brasileira, com valores, visões de mundo e do Brasil muito próprias. Tentaremos abordá-la com base em sua trajetória, tanto como profissional ativa quanto como amiga aposentada.

COMO PROFISSIONAL

Josette nasceu em Paris, França, em 1926. Durante sua adolescência, viveu a 2ª Guerra Mundial. Ela frequentou o curso de Cartografia na França, graças, segundo ela, à guerra, quando a França perdeu parte de sua população ativa masculina, ou seja, em fase de formação ou de trabalho. Caso a guerra não tivesse ocorrido, seu destino provável seria o de secretária, como a mãe, ou cabeleireira, como as primas. Na França, a jovem Josette conheceu o estudante brasileiro Hédio Xavier Lenz Cesar, de ascendência alemã, com quem se casou. Hédio trabalhou no IBGE e lecionou cartografia na UFRJ. Josette chegou ao Brasil em 1945, durante o fim do Estado Novo (1937-1945), governo do Presidente Getúlio Vargas. Foi o próprio presidente quem assinou seu pedido de naturalização brasileira, o que passou a lhe permitir acesso ao serviço público no país. No Brasil, Josette inicialmente lecionou no colégio francês, no bairro das Laranjeiras. Trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e lecionou cartografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e no Instituto Militar de Engenharia (IME). Quando o professor Hédio Xavier Lenz Cesar foi para os Estados Unidos trabalhar na Organização das Nações Unidas (ONU), Josette o substituiu como professora de cartografia da UFRJ. Lá, Josette era apreciada por alguns alunos e criticada por outros, que a temiam e justificavam suas reprovações, alegando não entenderem seu sotaque ou as abordagens matemáticas utilizadas na sua disciplina, as quais consideravam excessivas. A esse respeito, Josette gostava de narrar uma anedota divertida que se passou no período em que lecionou na instituição. Ao ensinar fórmulas matemáticas, enfrentou o protesto de um aluno que afirmou veementemente que seno e cosseno na verdade não existiam e que eram apenas criações dela, Josette.

No seu tempo, Josette era exímia interpretadora de fotografias aéreas. Com ela, muitos geógrafos aprenderam e treinaram para esse campo de trabalho, atividade com a qual Josette, ela própria, extrapolou o campo universitário, tendo sido muito requisitada por diferentes empresas.

DEPOIMENTOS DE EX-ALUNOS SOBRE A PROFª JOSETTE

Pedro Viana:

“Eu gostava da Josette, ela me pagava (num projeto dela) para eu reconstituir drenagens em imagens do RADAMBRASIL, dizia que eu tinha uma vista privilegiada,

eu fazia isso em papel cronaflex sobre as imagens que naquela época eram todas analógicas.”

Ricardo Dantas:

“Fiz isso também, de interpretar rede de drenagem em imagens de RADAM preto e branco (lembro até hoje da região dos rios Teles Pires e Roosevelt na Amazônia), só que como trabalho dos cursos dela. Modéstia à parte, os meus eram os melhores trabalhos da turma, fazia tudo a nanquim e com nomógrafo Leroy, mas ela sempre tirava alguns décimos para não dar dez.”

Gisela Pires do Rio:

“Além das disciplinas que cursei no currículo regular, tive contato mais frequente com ela quando contei com sua orientação em mapas e esquemas para meu trabalho de conclusão de graduação. Tudo que pude avançar no emprego de cartografia temática e interpretação está apoiado nessa base. Uma pessoa culta que sabia conversar e ensinar.”

Esses depoimentos de ex-alunos dão uma ideia rápida do perfil de Josette como professora. Assim como todos os professores, Josette contava não só com elogios e a admiração de alguns de seus ex-alunos, mas também com críticas e incompreensões de muitos.

Até a década de 1960, Josette circulava num carrinho da Volkswagen. Depois tornou-se usuária do ônibus da linha 485, que fazia o trajeto Copacabana-Olaria e a conduzia até a Ilha do Fundão, onde, na década de 1970, foi instalado o Departamento de Geografia da UFRJ. Reconhecia que esse ônibus era caótico e perigoso, mas apreciava o fato de que, ao longo de seu extenso trajeto, permitia-lhe observar as diversas paisagens da cidade do Rio de Janeiro.

Aposentada pela UFRJ, Josette ainda lecionou por certo tempo no Instituto Militar de Engenharia e na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Seu filho Christian Lenz Cesar (1948-2020), nascido no Brasil, tinha cursado o Instituto Militar de Engenharia. Foi fazer mestrado e doutorado nos Estados Unidos. Por um curto período, lecionou na UFRJ. Trabalhou até os anos iniciais da década de 1990 como especialista em informática na International Business Machines Corporation (IBM), localizada nos Estados Unidos. Desde que Christian faleceu em 2020, a vida já não fazia mais sentido para ela. Restavam-lhe alguns poucos amigos e as leituras, que nunca abandonou e que a mantinham lúcida. Reclamava estar cansada de viver: 98 anos lhe pareciam tempo demais de vida. Travava uma luta contra a morte, que teimava em não chegar e expressava, com frequência, seu desejo de partir.

Por fim, ressalto que o legado de Josette para a Geografia brasileira — e, em especial, a carioca — está no rigor metodológico e na exigência de clareza na elaboração de mapas por parte de colegas, ex-alunos e ex-alunas. Com ela, aprendemos que mapas, gráficos e fotografias não devem ser tratados apenas como ilustrações, mas como fontes legítimas de análise interpretativa. Embora apreciasse um bom texto geográfico, Josette se dedicava, sobretudo, à correção das técnicas e normas cartográficas, muitas vezes negligenciadas por geógrafos e outros profissionais nas representações dos fenômenos espaciais. Até mesmo os croquis, segundo ela, exigiam cuidadosa elaboração.

COMO AMIGA

Josette sempre gostou de escrever cartas para os amigos e amigas fora do Brasil, versando com frequência sobre sua visão da economia e da política brasileira. Eram cartas sempre bem escritas, textos sintéticos e manuscritos (nunca aderiu ao computador), com letras desenhadas. Esse costume nunca foi abandonado. Escrevia sempre à mão para uma amiga polonesa que, após viver com o marido peruano e os filhos no Brasil e no Peru, voltou a residir na França. Nos últimos anos, essa amiga e o marido vieram visitá-la no Brasil por ocasião de seu aniversário.

DEPOIMENTOS DAS AMIGAS MAIS RECENTES:

Professora Maria Therezinha Nunes:

“Embora meus encontros com ela tenham sido poucos e curtos, nunca esqueci as histórias que contava e aprendi com ela um pouco da história do ensino na França.”

Professora Elis de Araújo Miranda, que a visitava com certa frequência, acompanhada por mim:

“Precisaríamos de muitas tardes regadas com café e bolo para escutar e desfrutar de suas histórias durante a 2ª Guerra Mundial na França, quando teve que conviver com oficiais alemães, a sua viagem para o Brasil, os seus anos de docência na UFRJ e suas relações com os estudantes de graduação, nem sempre interessados em sua disciplina; suas experiências profissionais no IBGE, no IME, na UERJ, onde formou geógrafos e engenheiros cartográficos e contribuiu para a produção das representações cartográficas do Brasil.”

Para a professora Elis Miranda, que a conheceu já aposentada, e para mim, Maria Célia, que com ela cultivava cinquenta anos de amizade, Josette era uma

mulher de aparência frágil, mas de forças, físicas e interiores, inimagináveis. Corajosa, amiga, de postura elegante e firme, com visões, ideias e opiniões singulares. Enfim, uma profissional discreta e silenciosa. Assim, Josette permanecerá em nossas memórias. Saudades!

Recebido em: 23 nov. 2024. Aceito em: 07 maio 2025.